

O MANGUE QUE NÃO É CENÁRIO: LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Camila Camargo²

Universidade do Estado de Santa Catarina

camila.profgeo@gmail.com

Este trabalho problematiza, ao mesmo tempo em que propõe, uma alternativa para estudarmos os manguezais e como estes são inseridos nas aulas de educação ambiental, tema transversal que, desde 1997, vem ganhando força em aulas de diferentes campos do saber, como as de geografia.

Para isso, um roteiro de oficinas foi construído para levar os alunos do terceiro ano do ensino fundamental I da Escola de Educação Básica Simão José Hess até o manguezal do Itacorubi, ambos localizados em Florianópolis, em uma das regiões de crescente valorização.

Estas oficinas foram divididas em 3 distintas partes para poder construir e ressignificar as informações que estes alunos tinham sobre o manguezal em questão. Inicialmente, a intenção era ir até a sala de aula e compreender o que eles tinham em mente ao fazermos um apanhado de ideias sobre o ecossistema e suas diferentes formas de vida, para assim, poderem ilustrar o que imaginavam ser o mangue.

Sendo assim, fui para sala de aula com a intenção de descobrir se eles sabiam o que era ecossistema - *“professora é tipo um eco de som, quando a gente fala alguma coisa e escuta o retorno?”* e construir retratos sobre esses distintos ambientes.

Para isso, trouxe imagens de alguns ecossistemas que temos em nosso país. O primeiro deles foi o ecossistema da Floresta Amazônica e lhes pedi características daquele local: *“ele é rico, professora, rico de verde.”*. Passei para o ecossistema da Caatinga, onde as árvores eram *“carecas”, “pobres”* e *“não hidratadas”*.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia orientado pela Professora Dra. Ana Maria H. Preve, do Departamento de Geografia (DGEO) e Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO) da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

² Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/FAED pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Passando ecossistema por ecossistema, chegamos no manguezal. E logo de início, perguntei onde é que eles achavam que aquelas árvores estavam, já que uma das características principais do mangue é possuir raízes profundas para conseguirem se sustentar em um solo lodoso como aquele, eles me responderam que “*as árvores tão na terra, e essa terra tá embaixo da água*”. Sendo assim, expliquei para eles terem maior facilidade em compreender os manguezais, que podemos vê-los sendo uma “floresta na água”.

Baseando nas imagens vistas e na vontade imensa que eles tinham de pintar e colorir, pedi para que eles desenhassem, de forma livre, como é que eles imaginavam que era um manguezal. E de toda essa imaginação, apareceram desenhos que transpassavam o conteúdo.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Elaborado por um dos alunos da turma, 2016. Acervo da autora.

Uma semana após este primeiro momento, é chegada a hora de explorar o meio e partir rumo a *saída exploratória* que nos levaria até o manguezal do Itacorubi. Dentro deste percurso, que não era muito longe, algumas dificuldades apareceram e, logo após

chegarmos no nosso destino final, foram escoadas junto as ligações de rio-mar do manguezal.

Desde os recursos do transporte, a maré cheia repentina até o simples fato de estarmos lidando com aproximadamente 20 crianças, nos fizeram repensar sobre a organização desta ida a campo. E para isso, não medimos esforços para fazê-las terem uma nova visão e responsabilidade sobre o meio ambiente.

Caminhando no entorno do manguezal, fomos nos atentando aos objetos próximos ao ecossistema: flores bonitas, diversos tipos de aves e muito lixo: para-choques de carros, caixas de leite, garrafas de bebidas. Todo esse olhar foi se contrapondo a ideia que tínhamos imaginado dentro de sala de aula, uma na qual o ambiente estaria limpo.



Figura 5



Figura 6

Fotografia de Marina Rosa, 2016. Acervo da autora.

Ao chegarmos no deque, que adentra o manguezal, os pequenos logo foram apostando e comentando sobre a profundidade da água - *“do mais raso até mais fundo lá no meio”*, e sobre a cor dela - *“uma montoeira de verde”* e se familiarizando com o ambiente.

E então, era chegada hora de nos aventurarmos pelos caminhos que nos levavam para dentro do mangue. Nos separamos em grupos e fomos visualizar a profundidade, se haviam animais, quais os cheiros, barulhos e até sentimentos que estavam carregando ao caminharmos pelo deque.



Figura 7



Figura 8

Fotografia de Marina Rosa, 2016. Acervo da autora.

Conforme os grupos iam e voltavam, a maré ficava cada vez mais cheia. A cada ida e vinda mais eles se surpreendiam com o manguezal. A cada nova caminhada até o deque, mais peixes pulavam e até um pescador apareceu por lá. Dois grupos chegaram a conversar com ele perguntando se *“hoje cê vai conseguir peixe aí?”* e, como um melhor entendedor da dinâmica das marés, ele explicou para um dos grupos que conforme a maré ia enchendo, mais peixes viriam do mar para dentro do rio e que isso poderia render-lhe uma boa pescaria naquele dia.

Após desbravarmos um pouco aquele ecossistema, os questionei se haviam compreendido sobre como era o manguezal e sobre como era importante cuidar dele e eles asseguraram que sim e que tinham adorado ir até lá.

Dessa forma, nossa saída exploratória iria seguir para outro rumo, o Morro da Cruz. A intenção de leva-los até lá foi para verem a imensidão que (ainda é) o local que estávamos anteriormente e como precisamos conservar o ecossistema.

E a reação deles? Eles ficaram deslumbrados em perceber dois fatos: que lá do alto poderíamos ver toda a porção do bairro onde estudavam, brincavam e moravam; e por notarem o tamanho do mangue no qual eles estavam lá embaixo, dentro daquele local e agora estarem vendo ele de cima.

Após refletirmos um pouco sobre a importância que aquele ambiente tem, partimos rumo a escola para finalizarmos nossas atividades naquele dia. Para isso, ao chegarmos, pedi para eles colocarem no papel tudo o que sentiram, o que viram, se gostaram, pedi para liberarem a imaginação e assim, comporem uma carto-fala³.

³ Texto de Jörn Seemann intitulado *Histórias da Cartografia, Imersão em Mapas e Carto-falas*:

Seemann, utiliza destas carto-falas para imergir os sujeitos nas imagens e assim tentar (re) produzir em mapas-falantes, que retratariam os comentários que cada um traz sobre determinado local, que no nosso caso, seriam os mangues.

Ou seja, o intuito destas carto-falas era tentar contrapor a primeira ideia que os alunos possuíam a respeito dos mangues e, após terem investigado, *in loco*, as características do meio (como odores, as raízes expostas, a cor d'água, suas (im)purezas) relatar o que haviam visto, sentido e pensado a respeito do ambiente.

As narrativas, como Seemann relata “ainda que confusas, fragmentadas e misturadas forneceram mais alguns detalhes sobre como os alunos enfrentaram a tarefa” (Seemann, 2013, p.100).

E, para podermos ressignificar aquele ambiente, era necessário compreender as distintas ideias que os pequenos desbravadores do manguezal tinham sobre o ecossistema.

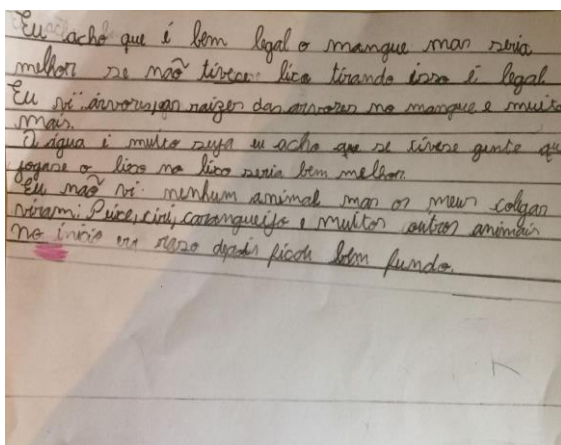


Figura 9

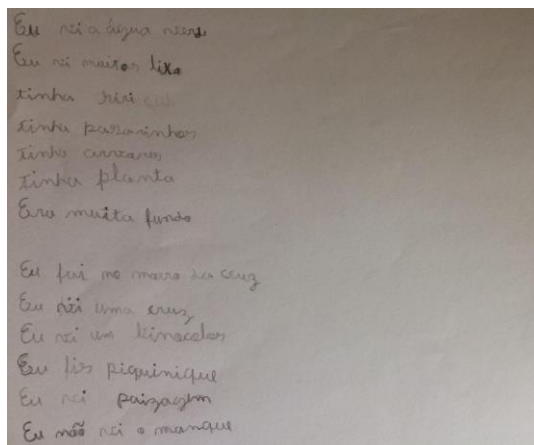


Figura 10

Elaborado por um dos alunos, 2016. Acervo da autora.

A partir destes relatos sinceros sobre suas distintas visões, preocupações e angustias sobre o manguezal, partiríamos rumo ao nosso terceiro encontro, onde a proposta inicial era unir a primeira produção visual junto com o que observamos na *saída exploratória* e com as carto-falas para assim, criarmos uma terceira imagem, mais realista e com todas as características que eles poderiam atribuir ao mangue que cada um viu.



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14

Elaborado por um dos alunos, 2016. Acervo da autora.

Em cada imagem, temos diferentes ideias de como esse mangue verdadeiramente é: com vida, mas poluído.

Um dos alunos, que teve a oportunidade de conversar com um pescador no dia da *saída exploratória* trouxe isso para o desenho dele, essa foi uma das lembranças mais marcantes que teve sobre o manguezal do Itacorubi. Já para uma outra aluna, que se juntou com suas amigas no retrato, trouxe a ideia de que estava limpando o mangue para que assim, os peixes possam viver bem naquele local.

Para finalizarmos nosso encontro e relembrarmos sobre como aquele local ainda era significativo, mesmo tendo todos os problemas já citados, construímos um painel para sempre recordarmos do manguezal.

Neste, criamos um mangue nosso com as folhas secas, galhos que recolhemos, com as tintas-guache, os giz-de-cera, todas as lembranças e vivências que tivemos com o manguezal colocamos naquele painel.



Montagem dos alunos, 2016. Acervo da autora.

Ao terminarmos nossas atividades, pude perceber a importância de desbravarmos o ambiente e saímos das quatro paredes brancas e que, por diversas vezes, limitam o processo criativo. Pontuschka, em seu texto *Estudo do meio: Teoria e Prática*, diz que o estudo do meio, tendo como uma de suas ramificações a saída de campo, “é uma metodologia de ensino interdisciplinar na qual se buscam alternativas à compartimentalização do conhecimento escolar e à excessiva segmentação do trabalho docente. Seu ponto de partida, então, é a reflexão individual e coletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em determinada escola e o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo mais próximo dos seus interesses e da realidade vivida.” (PONTUSCHKA, 2009, p.179). E, dessa forma, trazendo a relação entre os distintos saberes para dentro da estrutura escolar.

Sobre o mangue?

Para muitos ele continua sendo apenas parte do cenário florianopolitano, ele ainda só corta o caminho entre as praias e o centro, ele ainda só é uma paisagem bonita que podemos enxergar de dentro do Shopping, ele ainda só é um lugar desconhecido para muitos.

E para mim? E para os meus pequeninos do terceiro ano?

Ah, para nós ele transcende o cenário!

Ele ainda é o mesmo berçário de espécies marinhas, mas tem aquele toque de carinho e de conhecimento em cada passo que sobre ele se dá. Ele ainda faz parte da sua narrativa própria, mas tem muitas histórias para contar. Ele ainda tem muitos problemas, mas com toda a certeza, ele mudou a percepção de ambiente para muitos, inclusive para mim.

REFERÊNCIAS:

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do Meio: teoria e prática.** Geografia (Londrina), 2009.

SEEMANN, Jörn. Histórias da Cartografia, Imersão em Mapas e Carto-falas. In.: CAZETTA, Valéria e OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao (orgs.). **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea.** Campinas. SP: Editora Alínea, 2013.